

Pereira, V., Pereira, B., & Condessa, I. (2016). As interações no recreio: qual o papel do adulto neste espaço? In L. C. F. Santos, D. Eckert-Lindhammer, A. Hodeck, & A. Hartenstein (Eds.), *Book of Full Texts - XII SIEFLAS Leipzig 2016* (pp. 117-129). Leipzig, Germany: LEGS e. V.



**Universidade do Minho**  
Instituto de Educação  
Centro de Investigação  
em Estudos da Criança (CIEC)



**Professora Doutora**  
**Maria Beatriz Ferreira Leite de Oliveira Pereira (Pereira, Beatriz)**

Category: Full Professor

Institution: Universidade do Minho (UMinho)

Email: [beatriz@ie.uminho.pt](mailto:beatriz@ie.uminho.pt)

Online CV: <http://www.degois.pt/visualizador/curriculum.jsp?key=2030897209377539>

# UNIVERSITÄT LEIPZIG

Sports Science Faculty

**Department of International Relations**

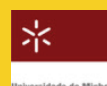
## Fulltexts

# **XII SIEFLAS LEIPZIG 2016**

## **18 - 20 July 2016**



INTERNATIONAL SEMINAR OF PHYSICAL EDUCATION, RECREATION AND HEALTH



## Imprint

Copyright: 2016  
Conference: XII SIEFLAS Leipzig 2016  
Title: Book of Abstracts  
Authors: Luana Cristina Ferreira dos Santos, Daniel Eckert-Lindhammer,  
Alexander Hodeck, Astrid Hartenstein  
Editor: Alexander Hodeck  
Proofreading: Chris Jäschke  
Other person: Sonja Riedel  
Publishing company: LEGS e.V. - Leipzig Experts in Global Sport e.V.

1<sup>st</sup> german edition  
July 2016, Leipzig, Germany

Das Werk, einschließlich seiner Teile, ist urheberrechtlich geschützt. Jede Verwertung ist ohne Zustimmung des Verlages und des Autors unzulässig. Dies gilt insbesondere für die elektronische oder sonstige Vervielfältigung, Übersetzung, Verbreitung und öffentliche Zugänglichmachung.

This book is available as ebook under ISBN 978-3-00-053685-4



Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek:  
Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie;  
detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.

## 6.2 AS INTERAÇÕES NO RECREIO: QUAL O PAPEL DO ADULTO NESTE ESPAÇO?

Vânia Pereira<sup>1</sup>, Beatriz Pereira<sup>2</sup> & Isabel Condessa<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Membro do Centro de Investigação em Estudos da Criança (CIEC), UM, Portugal (vania2spereira@hotmail.com)

<sup>2</sup>Professora Catedrática do Instituto de Educação e Membro do CIEC, UM, Portugal (beatriz@ie.uminho.pt)

<sup>3</sup>Professora Auxiliar com Agregação da Universidade dos Açores/Membro do CIEC, UM, Portugal (maria.id.condessa@uac.pt)

### 6.2.1 Resumo

É através das interações que as crianças aprendem, quer estas sejam com objetos ou nas relações sociais (Pereira, 2008) e, independentemente de todos os outros fatores que possam condicionar a vida da criança na escola (espaços atrativos, pessoal docente e não docente motivado e interventivo, programas diversificados), é a interação entre pares que mais condiciona a sua visão em relação à escola e à aprendizagem (Casey, 2010). Muller (2008) acrescenta, ainda, que os sentimentos que as crianças têm em relação à escola depende da avaliação que estas fazem das interações que aí ocorrem com os seus pares e com os adultos.

Os objetivos do estudo foram: identificar as interações das crianças com os adultos durante os seus jogos no recreio, verificando as diferenças entre género e ano de escolaridade e, perceber qual a perspetiva das crianças sobre a possibilidade de interagir com os adultos no recreio.

Fizeram parte deste estudo 317 alunos de 2 escolas do 1º ciclo da cidade de Braga, dos quais 167 rapazes e 150 raparigas, com idades entre os 6 e os 10 anos, sendo a média de idades de  $7,45 \pm 1,14$ . Este é um estudo misto, pois foram utilizados métodos qualitativos (análise de conteúdo) e quantitativos (análise estatística através de SPSS) para a análise dos resultados. Instrumentos: foi aplicado um questionário às crianças e realizadas filmagens nos recreios, assim como foram retiradas notas de campo ao longo de todo o estudo.

Dos resultados, salientamos que são os alunos dos 1º e 2º anos que mais realizam atividades com adultos no recreio e quanto ao género não existem diferenças significativas. O adulto mais mencionado pelas crianças como parceiro de jogo foi o funcionário da escola, sendo o jogo mais realizado nessas interações no recreio escolar o jogo tradicional.

### 6.2.2 Keywords

Child, Interactions, Adults, Play

### 6.2.3 Abstract

Children learn through interactions, whether they are with objects or in social relationships (Pereira, 2008), regardless of all other factors that may affect the child's life at school (attractive spaces, motivated teachers, diversified programs) is the peers interaction that most affects their vision of school and learning (Casey, 2010). Muller (2008) also adds that the children's feelings about school depends on the quality of the interactions that occur with their peers and with adults.

The aims of this study were to identify child-adult interactions during play in the school recess time, regarding the differences between gender and grade, and understand the children perspective on the possibility to interact with adults in that space.

The sample consisted in 317 students from two primary schools of Braga, of which 167 boys and 150 girls, aged between 6 and 10 years old, with a mean age of  $7.45 \pm 1.14$ .

This is a mixed study as we used qualitative (content analysis) and quantitative methods (statistical analysis using SPSS) to analyze the results. Instruments: a questionnaire was administered to children and a video record was made in recess time as well as were taken field notes throughout the study.

From the results, we note that are the students of 1st and 2nd grade that more interact with adults in school recess time, and attending gender there are no significant differences. The most mentioned adult playing partner by children was the school staff (vigilants), and the traditional play is the type of play that they engaged more frequently in those interactions.

### 6.2.4 Palavras-chave:

Criança, Interações, Adultos, Jogo

### 6.2.5 Introdução

Aos olhos das crianças, os adultos são os que possuem conhecimento, definem as regras e dão ou não consentimento para algo (Soares, 2006).

Em Portugal, nos anos 50, como nos demonstra Pereira (2008), os recreios eram locais onde se aprendiam muitos jogos, como os jogos tradicionais, os jogos de perseguição e os jogos de equipa, sendo curioso, que esses jogos eram incentivados e por vezes sugeridos, pelos professores que apoiavam os recreios. Muitas vezes, eram as crianças que pediam aos professores para fazerem determinados jogos, no sentido de lhes facilitar a organização e o desenvolvimento do jogo e, ao mesmo tempo supervisionavam o recreio. Salientando, contudo, que a decisão do que iria fazer no recreio cabia sempre à criança, que jogava com os seus pares como se não tivesse a presença do adulto. Este papel do adulto no recreio parece indispensável para dar a conhecer outros jogos às crianças, mas também para promover as interações entre elas.

Posteriormente, parece que as crianças foram deixadas à sua própria sorte no recreio, pois, apesar das melhorias e do aumento dos espaços de recreio, estes parecem não responder, totalmente, às suas necessidades (Pereira, 2008). A autora tenta responder a essa inquietude, questionando se será devido à ausência de adultos que possam dar apoio à realização e organização dos jogos no recreio, coisa que não estão habituadas a fazer, ou se será pela falta de materiais de apoio nos recreios, que condiciona a ação da criança nesse espaço.

Em relação a este assunto, Varregoso (2000), sugere uma explicação, ao afirmar que as relações entre professores e alunos do 1º ciclo do ensino básico sofreram alterações ao longo dos tempos e que atualmente, por serem muitos professores em cada escola, estes alteraram os seus hábitos e as relações com os alunos ficaram mais distantes.

Factor (2001) e Rivera (2009), atestam que os adultos que supervisionam os recreios não estão interessados nas brincadeiras e jogos que as crianças lá fazem, mas apenas se preocupam com a prevenção de acidentes e a gestão de conflitos, pois consideram que as crianças não estão a fazer nada de importante.

Relativamente às interações adulto/ criança no recreio escolar, os estudos efetuados indicam que as interações dos adultos no recreio são, essencialmente, a mediação de conflitos (Wohlwend, 2004), a vigilância das ações das crianças quanto a situações de bullying, regras de conduta e de segurança e que eles não devem intervir nas brincadeiras, ou jogos das crianças, no sentido de as tornar em atividades estruturadas. Também Sousa, Pereira e Lourenço (2011) referem no seu estudo que o que as crianças mais gostam no recreio é brincar com os seus pares, livremente e longe do controle dos adultos.

Evans (1990) verificou, no seu estudo, que o número e natureza das interações de crianças com adultos variam com a idade e o sexo. O autor refere, ainda, que as crianças percebem quais são os professores de quem se podem aproximar para receber apoio, atestando que as crianças que procuram os professores são aquelas que tendem a ser rejeitadas pelos colegas. As raparigas destacam-se, por procurarem os professores simplesmente para conversar.

Quanto às interações das crianças com os adultos nas atividades de recreio, no estudo de Boyle, Marshall e Robeson (2003), efetuado com crianças dos 7 aos 12 anos de idade, verificou-se que as interações acontecem no recreio, mas apenas os funcionários do sexo masculino demonstram, por vezes, envolver-se nos jogos dos rapazes, entrando nas suas atividades. Já no caso das mulheres, não se registou qualquer envolvimento destas nas atividades das crianças nos recreios. Boyle et al (2003), realça a evidência de os adultos exercerem um papel importante na formação do género no recreio, através da sua ação ou inação, afirmando que, normalmente, a maioria das crianças interage e faz as suas atividades com elementos do mesmo género. Este aspeto do género, também foi realçado no estudo de Würdig (2010) com crianças dos 6 aos 10 anos, no qual foi verificado que eram essencialmente os rapazes que se aproximavam e interagiam com o investigador, explicando os jogos que estavam a fazer, enquanto as raparigas raramente lhe falavam.

Relativamente ao género, no estudo já referido de Boyle et al. (2003), as raparigas manifestaram maior tendência para se aproximarem dos adultos no recreio do que os rapazes, que normalmente só o fazem por questões de disciplina ou desentendimento com os seus pares. Tal como aconteceu noutro estudo, realizado com crianças mais novas dos 3 aos 7 anos de idade, em que as meninas se mantêm nos espaços mais próximos aos adultos que se encontram no recreio (Fernandes & Elali,

2008).

Sequeira e Pereira (2004), efetuaram um estudo com 100 crianças num ATL com crianças dos 8 aos 15 anos, sobre as suas atividades de lazer. As crianças também foram questionadas sobre se gostavam ou não que o adulto brincasse com elas e a maioria das crianças respondeu positivamente. As autoras consideraram surpreendente o facto de serem as crianças mais velhas a preferirem brincar com adultos, referindo a interação com adultos mais frequentemente que as crianças mais novas. Sugerindo que o adulto deve ter prazer quando joga com a criança, pois estas consideram-no um companheiro de jogo e apreciam a sua participação.

Enquanto para alguns adultos o jogo, na vida da criança, é encarado como uma mera diversão, desvalorizando-o, a verdade é que durante o tempo em que a criança se envolve em jogos e brincadeiras, muito crescimento e desenvolvimento está a acontecer, nomeadamente, o melhor entendimento do mundo e do seu lugar no mesmo (Riley & Jones, 2007). Os jogos devem ser escolhidos pelas crianças, no entanto depende do adulto fornecer às crianças as oportunidades para estas realizarem várias atividades, isto é, dar a conhecer às crianças vários jogos que possam realizar, verificar se o espaço de que dispõem é suficiente e motivador à prática de jogos e brincadeiras (Pereira, 2009).

### 6.2.6 Objetivos do estudo

- - Identificar as interações das crianças com os adultos no recreio, verificando as diferenças entre género e ano de escolaridade.
- Perceber qual a perspetiva das crianças sobre a possibilidade de interagir com os adultos durante os seus jogos no recreio.

#### 6.2.6.1 Amostra

Fizeram parte deste estudo 317 alunos de 2 escolas do 1º ciclo da cidade de Braga, dos quais 167 rapazes e 150 raparigas, com idades entre os 6 e os 10 anos, sendo a média de idades de  $7,45 \pm 1.14$ . A amostra ficou reduzida a 228 alunos na análise a algumas questões, uma vez que os alunos do 1º ano, devido à ausência de competências de escrita no início do ano letivo, não responderam a algumas das questões que foram sujeitas a análise neste estudo. Neste último caso a amostra foi constituída por 121 rapazes e 107 raparigas, com idades compreendidas entre os 6 e os 10 anos, sendo a média de idades  $8,01 \pm 0.85$ .

### 6.2.7 Materiais e Métodos

Foi aplicado o questionário sobre práticas e interações nos recreios do 1º ciclo do ensino básico. Para este estudo, em particular, foram analisadas, as questões do grupo 4, relativas às interações das crianças com adultos. A informação recolhida através das questões fechadas do questionário foi sujeita a tratamento e análise estatística descritiva através da frequência, percentagem e teste do qui-quadrado para a verificação da existência de diferenças significativas entre o género e ano de escolaridade. Para este tratamento estatístico foi utilizado o software Statistical Package for the Social Sciences (SPSS), Windows (versão 19). Foi também efetuada, análise de conteúdo às questões abertas, a partir das quais, emergiram algumas categorias.

Efetuamos observação em diferido com recurso ao registo por filmagem e, ainda, foram registadas notas de campo ao longo do período em que decorreu o estudo, tendo sido estes métodos utilizados com o propósito de complementar os resultados obtidos através da análise dos questionários.

### 6.2.8 Resultados

Observamos que, durante os períodos de recreio nas escolas onde foi efetuado o estudo estão sempre presentes o funcionário da escola e um professor (numa das escolas são 2 funcionários e 2 professores). Salientamos que, os funcionários estão sempre presentes em todos os tempos de recreio durante a semana, enquanto os professores se vão revezando, estando cada um, uma ou duas vezes por semana, no recreio. Foi nossa intenção, ao apresentar o Quadro 1, tentar entender a perceção das crianças em relação à presença dos adultos neste espaço.

Adulto no recreio		Género			p	Ano de escolaridade			p
		♂	♀	Total		1º e 2º	3º e 4º	Total	
Não	n	5	3	8	NS	1	7	8	**0,008
	%	3,0	2,0	2,5		0,6	4,8	2,5	
Sim, professor	n	3	5	8		1	7	8	
	%	1,8	3,4	2,5		0,6	4,8	2,5	
Sim, funcionário	n	33	31	64		33	31	64	
	%	19,9	20,8	20,3		19,6	21,1	20,3	
Sim, professor e funcionário	n	125	110	235		133	102	235	
	%	75,3	73,8	74,6		79,2	69,4	74,6	
Total	n	166	149	315		168	147	315	
	%	100,0	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0	

**Legenda:** ♀ - género feminino; ♂ - género masculino; \*\*\*p≤0.001; \*\*p≤0.01; \*p≤0.05; NS – não significativo

Quadro 1 – Presença dos adultos no recreio escolar

Através do Quadro 1 constatamos que, a maioria dos alunos (74,6%) assinalou que no recreio estavam presentes funcionários e professores e foram os alunos dos 1º e 2º anos de escolaridade (79,2%) que mais o mencionaram, havendo diferenças significativas quanto ao ano de escolaridade ( $p \leq 0,01$ ), o que pode estar relacionado com o facto de estes alunos desenvolverem as suas atividades no recreio mais próximas dos adultos do que os alunos dos 3º e 4º anos de escolaridade. Não existem diferenças significativas em relação ao género.

Adulto no recreio		Género			p	Ano de escolaridade			p
		♂	♀	Total		1º e 2º	3º e 4º	Total	
Não	n	5	3	8	NS	1	7	8	**0,008
	%	3,0	2,0	2,5		0,6	4,8	2,5	
Sim, professor	n	3	5	8		1	7	8	
	%	1,8	3,4	2,5		0,6	4,8	2,5	
Sim, funcionário	n	33	31	64		33	31	64	
	%	19,9	20,8	20,3		19,6	21,1	20,3	
Sim, professor e funcionário	n	125	110	235		133	102	235	
	%	75,3	73,8	74,6		79,2	69,4	74,6	
Total	n	166	149	315		168	147	315	
	%	100,0	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0	

**Legenda:** ♀ - género feminino; ♂ - género masculino; \*\*\*p≤0.001; \*\*p≤0.01; \*p≤0.05; NS – não significativo

Quadro 2 – Jogos com adultos no recreio

No Quadro 2 podemos averiguar se as crianças realizam, ou não, jogos com adultos no recreio. Em relação a este quadro podemos observar que, apesar de não serem muitas as crianças a fazer jogos com adultos no recreio, foram as mais novas dos 1º e 2º anos de escolaridade (14,5%) que mais o referiram, havendo diferenças significativas quanto ao ano de escolaridade ( $p \leq 0,05$ ), uma vez que apenas 6,8% das crianças dos 3º e 4º anos de escolaridade mencionaram realizar atividades no recreio com os adultos. Estas diferenças poderão estar relacionadas com o facto de as crianças mais novas ainda serem mais dependentes dos adultos e daí os solicitarem mais frequentemente, por outro lado, as crianças dos 3º e 4º anos de escolaridade tentam afastar-se desse registo, procurando a sua independência.

De qualquer forma o que mais sobressai neste quadro são as poucas interações de jogo criança-adulto que ocorrem no recreio escolar. Esta é a realidade que não causa surpresa, pois só vêm reforçar que, o recreio é realmente o mundo das crianças e que os adultos só nele entram quando

elas o permitem.

Através de algumas notas de campo pudemos verificar que de facto as interações com adultos são mais frequentes com as crianças mais novas e do sexo feminino.

“As funcionárias da escola estão sentadas no banco em frente à escola a fazer jogos com as mãos e cantarolando com as meninas mais novas” (08/11/2011)”

Apresentamos de seguida 2 gráficos relativamente às interações com os adultos com quem as crianças fazem atividades nos recreios atendendo ao género e ao ano de escolaridade. Salientamos que da amostra total apenas 7,5% dos alunos mencionaram com que adultos fazem atividades no recreio escolar, sendo que 3,2% refere fazer atividades com professores, 4,7% com funcionários e ainda 0,6% referiram fazer algumas atividades no recreio com professores e funcionários. Apresentamos de seguida as respetivas diferenças entre género e ano de escolaridade.

Gráfico 1 – Interações das crianças com os adultos no recreio escolar: diferenças entre género

Em relação ao género se considerarmos o conjunto das interações das crianças com os adultos, quanto ao género, foram mais as raparigas (10,6%) a referir fazer jogos com os adultos que se encontram no recreio do que os rapazes (6,5%) (Gráfico 1). Neste caso, talvez pela vontade e disponibilidade para comunicar com outras pessoas, são as raparigas que mais sentem necessidade de se aproximar dos adultos e de os incluir nos seus jogos, ou até mesmo pedir sugestões de jogos aos adultos que se encontram no recreio. Foram mais as raparigas a mencionar fazer jogos com os adultos no recreio, principalmente com os funcionários, o que pode estar relacionado com o facto de em ambas as escolas estes serem, maioritariamente, do sexo feminino, o que poderá levar as raparigas a sentirem-se mais à vontade nessa identificação de género.

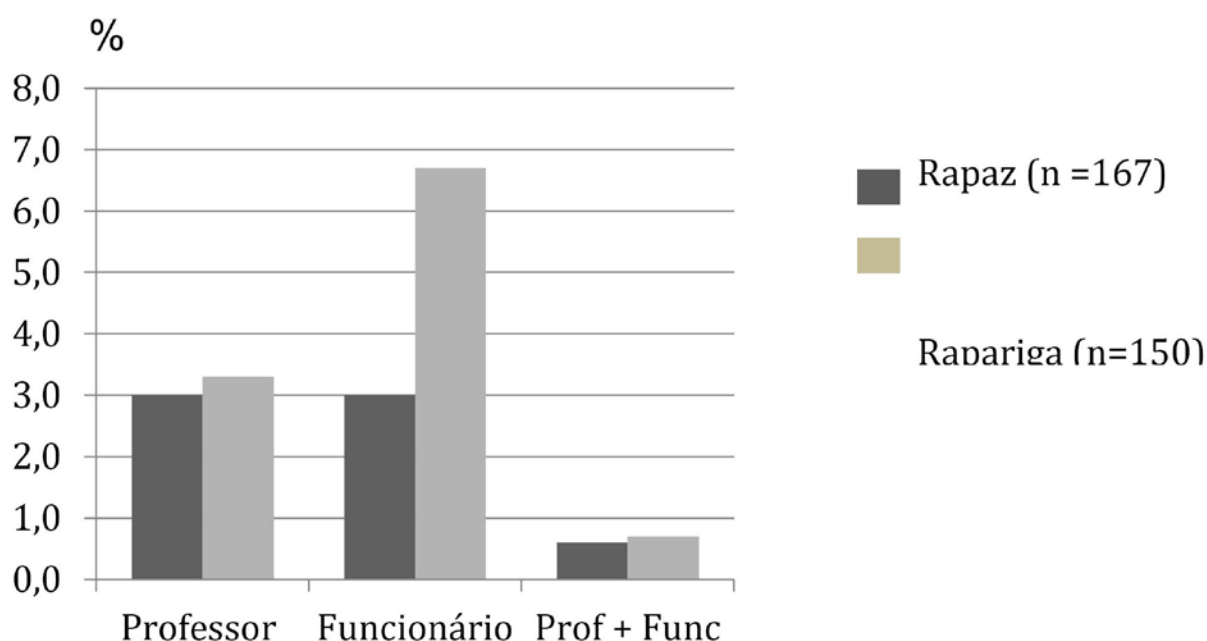


Gráfico 1 - Interações das crianças com os adultos no recreio escolar: diferenças entre género



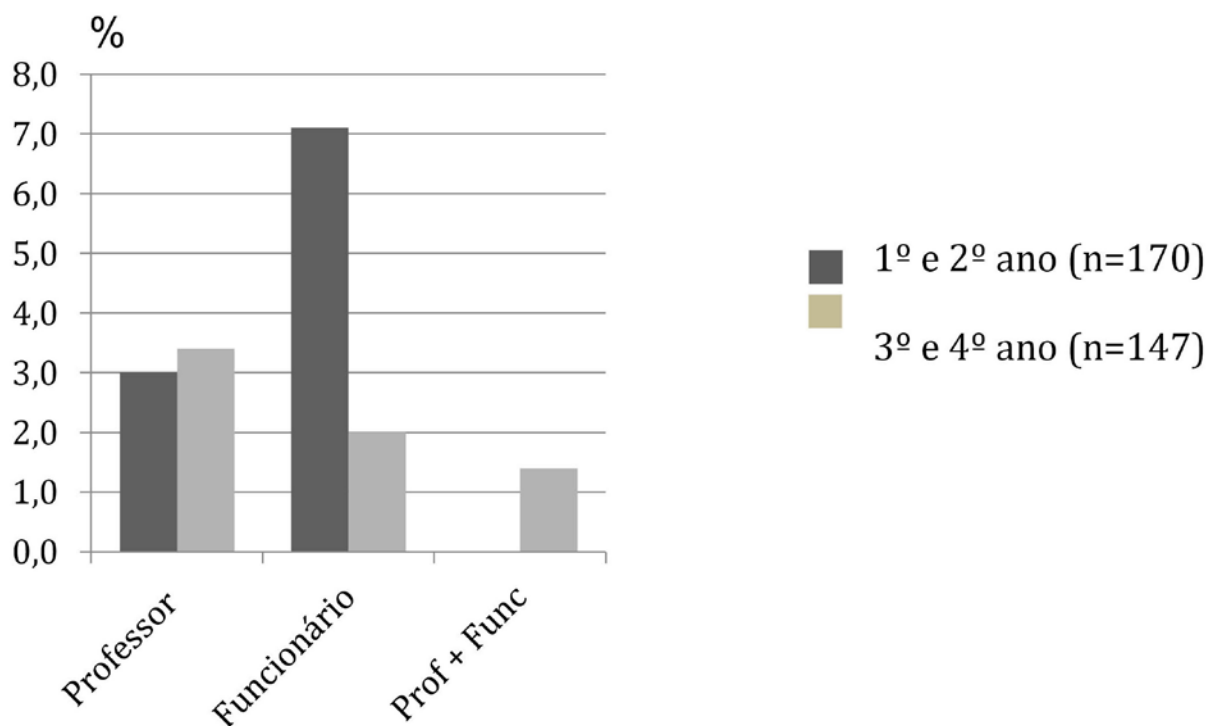


Gráfico 2 - Interações das crianças com os adultos no recreio escolar: diferenças entre ano de escolaridade

De acordo com o Gráfico 2 as crianças mais novas dos 1º e 2º anos (10,0%) foram as que mais procuraram os adultos para algumas atividades no recreio escolar, sendo os funcionários da escola (7,1%) o adulto com quem mais realizaram essas atividades, interagindo menos com os professores (2,9%). Os alunos dos 3º e 4º anos referiram interagir mais com os professores (3,4%) nas suas atividades de recreio do que com os funcionários (2,0%), foram só os alunos dos 3º e 4º anos que mencionaram realizar atividades no recreio tanto com funcionários como com professores (1,4%). Talvez por serem mais novos, os alunos dos 1º e 2º anos, ainda sintam necessidade da aproximação do adulto, mesmo nas suas atividades recreativas, daí serem os que mais interagem com os adultos no recreio.

Em síntese, relativamente aos Gráficos 1 e 2 realçamos que os adultos com quem as crianças mais fazem atividades no recreio, são os funcionários da escola, e isto poderá dever-se ao facto de a sua presença no recreio ser diária, enquanto a cada professor é solicitada a sua presença apenas uma ou duas vezes por semana, o que permite à criança ter mais à vontade e confiança com os funcionários do que com os professores no espaço de recreio.

Durante as observações das filmagens, no que diz respeito às interações das crianças com adultos, podemos referir que registamos escassos episódios onde ocorreram essas interações, sendo a mais frequente no início do tempo de recreio, os rapazes dirigiam-se a uma das funcionárias da escola para solicitar a bola para o campo de jogos. Ainda observamos algumas meninas do 1º ano a pedir ajuda para abrir os recipientes onde traziam o lanche e uma rapariga que acusou um rapaz de ter deitado o pão ao lixo e a funcionária foi resolver a situação, dando-lhe uma reprimenda pelo que tinha feito. Assistimos ainda a uma queda de um rapaz durante o jogo de futebol e os seus colegas foram pedir auxílio a uma funcionária que o levou para o edifício escolar para o poder cuidar. Na maioria das vezes que as funcionárias aparecem nas filmagens encontram-se de pé a olhar para as crianças e, algumas vezes gritam com elas à distância quando essas se preparam para fazer algo que, as funcionárias consideram perigoso ou é proibido, como subir a rede que circunda a escola, pendurar-se nas balizas ou entrar no edifício escolar sem pedir autorização. Quanto aos professores estes aparecem em breves momentos nos registos das filmagens e, quando aparecem estão a circular pelos espaços de recreio. Apenas registamos uma interação aluna-professora, quando esta se dirigiu para conversar com a rapariga.

É de referir que as interações com adultos que observamos através das filmagens foram interações

relacionadas, com cumprimento de regras de conduta e de segurança e que culminaram em reprimendas aos alunos; ainda se detetaram algumas interações quando as crianças solicitavam a ajuda do adulto para algo que não eram capazes de fazer (abrir uma caixa), ou que só o adulto podia fazer (entregar a bola para o jogo de futebol). Não observamos através das filmagens qualquer atividade lúdica entre crianças e adultos no recreio.

Nos quadros que se seguem não foram consideradas as respostas dos alunos do 1º ano de escolaridade, uma vez que estes alunos não responderam às questões analisadas e das quais advieram os resultados apresentados nos respetivos quadros, ficando, assim a amostra total reduzida a 228 crianças.

Primeiramente apresentamos dois gráficos referentes à prática de jogos das crianças com os adultos no recreio. Salientamos antes de mais, que dos alunos que mencionaram realizar jogos no recreio com adultos (7,5%), atendendo ao ano de escolaridade e ao género foram os alunos do 2º ano de escolaridade (9,9%) e as raparigas (9,3%), que mais o mencionaram. Quanto aos jogos que as crianças referiram fazer com os adultos no recreio, foram os jogos tradicionais (3,5%) os mais mencionados, mas também foram referidos os jogos de perseguição (1,8%), as conversas (1,3%) e os jogos de equilíbrio (0,9%). De seguida apresentamos as diferenças entre género e ano de escolaridade.

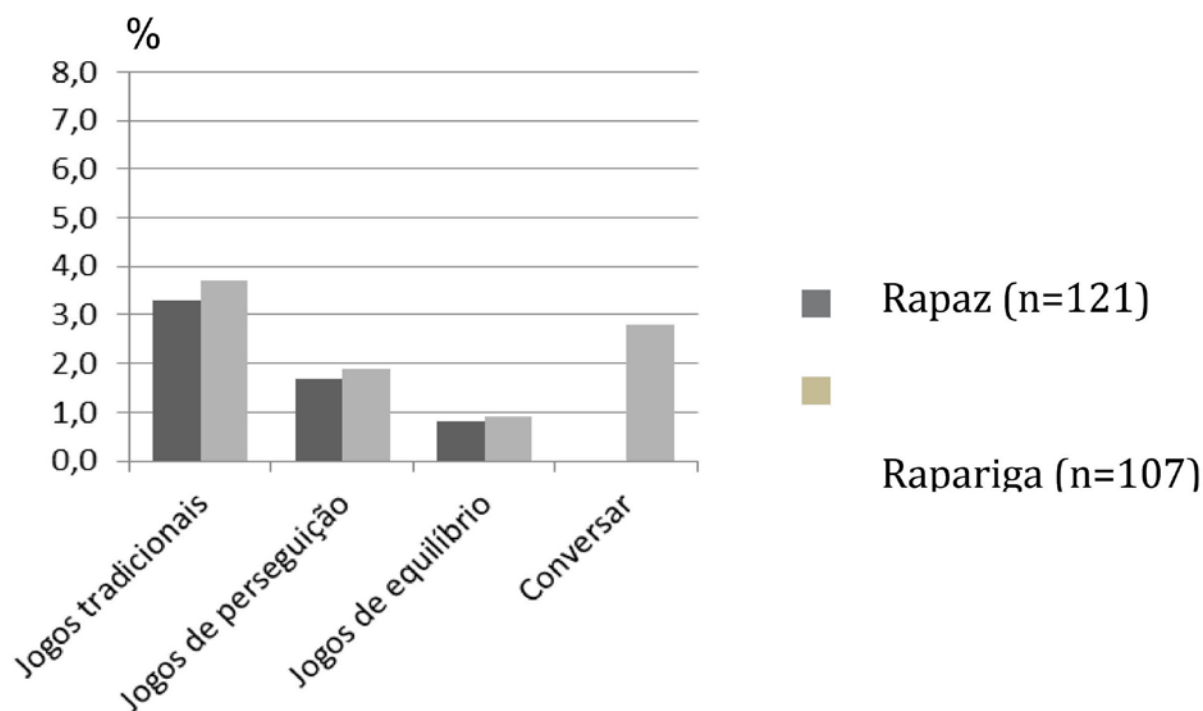


Gráfico 3 - Jogos com adultos no recreio: diferenças entre género

Relativamente ao Gráfico 3 apenas para a atividade “conversar” ambos os géneros não estão em sintonia, uma vez que para todos os outros jogos a percentagem de alunos a mencioná-los é muito semelhante. Apenas as raparigas (2,8%) mencionaram “conversar” como atividade praticada com adultos no recreio. Em todos os outros jogos, apesar de ser pequena a diferença, foram mais as raparigas do que os rapazes a referi-los, sendo para ambos os géneros os “jogos tradicionais”, o mais referido.

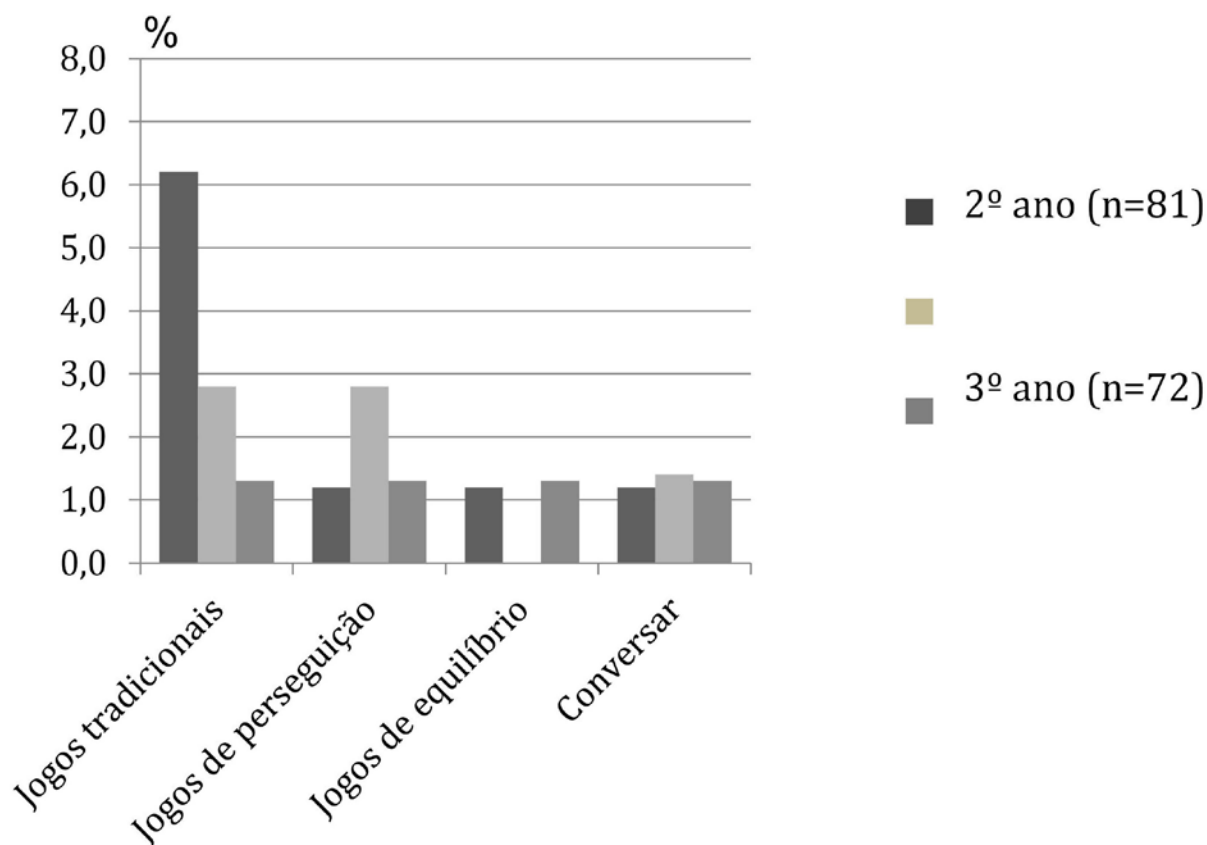


Gráfico 4 - Jogos com adultos no recreio: diferenças entre ano de escolaridade

Quanto ao ano de escolaridade é evidente a maior tendência dos alunos do 2º ano (6,2%) para realizar “jogos tradicionais” com os adultos que qualquer outro ano de escolaridade (3º ano: 2,8%; 4º ano: 1,3%). O 3º ano salienta-se no Gráfico 4 por ser o que mais mencionou fazer “jogos de perseguição” (2,8%) e “conversar” (1,3%) com o adulto no recreio, também foi o único ano de escolaridade a não referir fazer “jogos de equilíbrio”.

De referir que os jogos tradicionais foram os mais praticados com os adultos no recreio, o que nos pode indicar que os adultos talvez se identifiquem mais com esse tipo de jogo e daí os praticarem com as crianças no recreio e o facto de serem praticados mais pelos alunos do 2º ano pode estar relacionado com o facto de serem estes alunos que mais se aproximam dos adultos no recreio.

Nos quadros seguintes são apresentados os resultados referentes aos alunos que responderam que não faziam atividades com adultos no recreio. Tentamos com a informação que se segue perceber as perspetivas das crianças sobre esse assunto.

		Género		Total	p	Ano de escolaridade			Total	p
		♂	♀			2º ano	3º ano	4º ano		
<b>Sim</b>	n	47	54	101	NS	42	33	26	101	*0,018
	%	42,3	58,1	49,5		60,9	48,5	38,8	49,5	
<b>Não</b>	n	34	23	57		20	15	22	57	
	%	30,6	24,7	27,9		29,0	22,1	32,8	27,9	
<b>Não sei</b>	n	30	16	46		7	20	19	46	
	%	27,1	17,2	22,6		10,1	29,4	28,4	22,5	
<b>Total</b>	n	111	93	204		69	68	67	204	
	%	100,0	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0	100,0	

**Legenda:** ♀ - género feminino; ♂ - género masculino; \*\*\* $p \leq 0.001$ ; \*\* $p \leq 0.01$ ; \* $p \leq 0.05$ ; NS – não significativo

Quadro 3 – Perspetivas das crianças sobre se gostariam de fazer atividades com adultos no recreio

No Quadro3 podemos verificar as expectativas dos alunos sobre se gostariam ou não de fazer jogos com adultos no recreio escolar. Podemos assinalar que a maioria dos alunos respondeu afirmativamente (49,5%), ainda 27,9% dos alunos afirmaram que não gostariam de fazer atividades com adultos no recreio escolar e 22,6% não sabem se gostariam. Quanto ao género não existem diferenças significativas a assinalar apesar de terem sido mais as raparigas (58,1%) do que os rapazes (42,3%) a mencionar que gostariam de fazer alguns dos seus jogos de recreio com os adultos. Relativamente ao ano de escolaridade as diferenças são significativas ( $p \leq 0,05$ ), tendo sido, sem dúvida os alunos do 2º ano de escolaridade (60,9%) que mais referiram que gostariam de fazer jogos com adultos no recreio, seguidos pelos alunos do 3º ano (48,5%) e por fim os do 4º ano de escolaridade (38,8%). Estes dados revelam-nos que quanto mais velhos os alunos menos dependência e necessidade têm de estar em contacto com os adultos.

No sentido de percebermos porquê que as crianças gostariam ou não de fazer jogos com os adultos no recreio apresentamos de seguida os Quadros 4 e 5. Para a apresentação destes resultados procedemos à análise de conteúdo das respostas dadas pelos alunos relativamente ao assunto exposto de onde emergiram as categorias presentes em cada um dos quadros apresentados.

Categorias		Género			p	Ano de escolaridade				p
		♂	♀	Total		2º ano	3º ano	4º ano	Total	
Ajudaria a evitar conflitos	n	2	2	4	NS	1	1	2	4	NS
	%	4,5	4,4	4,5		2,7	3,8	8,0	4,5	
Seria mais divertido	n	26	28	54		22	19	12	54	
	%	59,1	62,2	60,7		59,5	73,1	48,0	60,7	
Diversificaria os jogos no recreio	n	8	5	13		3	3	7	13	
	%	18,2	11,1	14,6		8,1	11,5	28,0	14,6	
Teria um parceiro para brincar	n	8	10	18		11	3	4	18	
	%	18,2	22,2	20,2		29,7	11,5	16,0	20,2	
Total	n	44	45	89		37	26	25	89	
	%	100,0	100,0	100,0		100,0	100,0	100,0	100,0	

**Legenda:** ♀- género feminino; ♂- género masculino; \*\*\* $p \leq 0.001$ ; \*\* $p \leq 0.01$ ; \* $p \leq 0.05$ ; NS – não significativo

Quadro 4 – Motivos pelos quais as crianças gostariam de fazer jogos com adultos no recreio

Como podemos constatar através do Quadro 4, a categoria mais referida e pela qual os alunos mais gostariam de fazer jogos com adultos no recreio foi Seria mais divertido (60,7%), a segunda categoria mais mencionada foi Teria um parceiro para brincar (20,2%), seguindo-se a categoria Diversificaria os jogos no recreio (14,6%) e por último Ajudava a evitar conflitos (4,5%). Apesar de não existirem diferenças significativas quanto ao ano de escolaridade, foram os alunos do 3º ano que mais mencionaram que Seria mais divertido (73,1%) e foram os alunos do 4º ano que mais referiram que o adulto Diversificaria os jogos no recreio (28,0%) e os alunos do 2º ano foram os que mais afirmaram que Teria um parceiro para brincar, não existindo igualmente diferenças significativas quanto ao género, no entanto é de realçar que foram as raparigas que mais referiram que fazer jogos com o adulto no recreio traria mudanças no recreio, Seria mais divertido e que Teria um parceiro para brincar. Os rapazes, por sua vez, mais do que as raparigas, gostariam de fazer jogos com o adulto no recreio por considerarem que estes Diversificariam os jogos de recreio. As duas categorias menos mencionadas Ajudaria a evitar conflitos e Teria um parceiro para brincar foram referidas maioritariamente pelos alunos dos 3º e 4º anos e atendendo ao género, foram os rapazes que mais as mencionaram, ainda que tenham sido referidas por uma pequena percentagem de alunos.

No Quadro 5 salientamos os motivos que foram mencionados pelas crianças que consideraram que não gostariam de fazer jogos com os adultos no recreio.

Categorias		Género			p	Ano de escolaridade				p
		♂	♀	Total		2º ano	3º ano	4º ano	Total	
Preferem brincar com os pares	n	28	22	50	NS	13	14	23	50	NS
	%	50,9	62,9	55,6		54,2	46,7	63,9	55,6	
Gostam de brincar livremente	n	17	9	26		8	10	8	26	
	%	30,9	25,7	28,9		38,1	33,3	22,2	28,9	
Os adultos são controladores	n	10	4	14		3	6	5	14	
	%	18,2	11,4	15,6		14,3	20,0	13,9	15,6	
Total	n	55	35	90	24	30	36	90		
	%	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0		

**Legenda:** ♀ - género feminino; ♂ - género masculino; \*\*\*p≤0.001; \*\*p≤0.01; \*p≤0.05; NS – não significativo

Quadro 5 – Motivos pelos quais as crianças não gostariam de fazer jogos com adulto no recreio

Do Quadro 5 podemos referir que os alunos que manifestaram que não gostariam de fazer jogos no recreio com adulto, justificaram a sua opinião, maioritariamente com a categoria Preferem brincar com os pares (55,6%), sendo que esta categoria foi mais expressiva junto dos alunos do 4º ano de escolaridade (63,9%) do que junto dos alunos do 3º (46,7%) ou do 2º ano (54,2%). Em relação ao género, foram mais as raparigas (62,9%) a mencionar esta categoria, do que os rapazes (50,9%). A segunda categoria mais referida por estes alunos foi Gostam de brincar livremente (28,9%), tendo sido mais os rapazes (30,9%) a nomeá-la do que as raparigas (25,7%). A terceira categoria Os adultos são controladores foi igualmente mais nomeada pelos rapazes (18,2%) do que pelas raparigas (11,4%). Não existem diferenças significativas em relação ao género nem em relação ao ano de escolaridade.

Através do Quadro 5 observamos que a participação dos adultos nos seus jogos de recreio não é bem vista por estas crianças que preferem brincar à vontade com os seus pares e longe do controlo dos adultos.

### 6.2.9 Discussão dos resultados

Relativamente às interações das crianças com os adultos no recreio verificamos que são os alunos mais novos dos 1º e do 2º anos de escolaridade que mais interagem com os adultos e quanto ao género são mais as raparigas que do que os rapazes a fazê-lo. Sendo que este facto pode prender-se essencialmente pela questão de identificação de género, uma vez que a grande maioria dos adultos que frequentavam os recreios das escolas onde foi feito o estudo eram do sexo feminino (95%). Estes resultados são confirmados pelo estudo de Würdig (2010), no qual foi verificado que eram essencialmente os rapazes que se aproximavam e interagiam com o investigador, explicando os jogos que estavam a fazer, enquanto as raparigas raramente lhe falaram.

Foram poucas as crianças deste estudo a referir fazer jogos com os adultos no recreio, como também foi encontrado no estudo de Rossetti e Souza (2005), no qual os adultos raramente são mencionados pelas crianças como companheiros de jogo, reforçando ainda que os professores nunca são mencionados como tal. No presente estudo, apesar de serem mais os alunos a mencionar os funcionários como parceiros de jogo no recreio, muito poucos referem os professores nesse papel. Em relação a este assunto, Varregoso (2000) anuncia que as relações entre professores e alunos do 1º ciclo do ensino básico sofreram alterações ao longo dos tempos e que atualmente por serem muitos professores em cada escola, estes alteraram os seus hábitos e as relações com os alunos ficaram mais distantes.

Quanto ao facto de neste estudo se ter verificado, nas interações adulto-criança no recreio escolar, principalmente, a prática de jogos tradicionais, os autores Dias e Mendes (2006) ainda acrescentam que os jogos tradicionais são abordados de forma pontual nas escolas do 1º ciclo do ensino básico e fora do contexto educativo, tal como pudemos constatar no presente estudo. Estes resultados contrariam em parte Varregoso (2000), que refere que estes jogos que eram transmitidos e

incentivados muitas vezes pelos professores, atualmente estão em desuso por vários fatores, mas também porque os adultos já não os ensinam às crianças. Sobre esta matéria, são vários os autores (Cabral, 1998; Cameira Serra, 2004; Condessa e Fialho, 2010; Pereira, Palma e Nídio, 2009) que julgam premente a recuperação deste legado lúdico com enorme importância social e que era transmitido de geração em geração, de avós para netos, de pais para filhos, professores para alunos, ou de criança para criança.

Enquanto os adultos não tiverem consciência de que, as crianças aprendem através dos jogos e das brincadeiras que fazem vão minimizar a sua importância e, ao mesmo tempo vão sentir algum desconforto ao participar nos jogos das crianças (Rivera, 2009). No presente estudo verificamos que as interações de jogo adulto-criança foram mencionadas pelos alunos e verificadas através de alguns registos no diário de campo e, no entanto, não foram detetadas quaisquer interações adulto-criança durante a observação das filmagens o que nos pode indicar precisamente esse desconforto de que nos fala Rivera (2009). Com bastante frequência verificamos as interações adulto-criança, associadas a chamadas de atenção relativamente a regras de segurança e a moderação de conflitos. O que vai ao encontro do que é afirmado por Factor (2001) e também por Rivera (2009) quando afirmam que os adultos que supervisionam os recreios não estão interessados nas brincadeiras e jogos que as crianças lá fazem, mas apenas se preocupam com a prevenção de acidentes e a gestão de conflitos, pois consideram que as crianças não estão a fazer nada de importante.

Ainda quanto aos alunos que não costumam fazer atividades lúdicas com adultos no recreio, tentamos perceber as suas perspetivas sobre se gostariam ou não que isso acontecesse. Assim, salientamos que a maioria das crianças participantes no estudo gostaria de fazer atividades com adultos no recreio e os motivos principais pelos quais gostariam de o fazer prendem-se com o facto de considerarem que Seria mais divertido e também porque Teria um parceiro para brincar. Em contrapartida, os alunos que responderam que não gostariam de fazer atividades com adultos no recreio justificaram que Preferem brincar com os pares e Gostam de brincar livremente, ainda alguns referiram que Os adultos são controladores. Quanto a este último motivo, Soares (2006) afirma que aos olhos das crianças os adultos são os que possuem conhecimento, definem as regras e ainda são estes que dão ou não consentimento para algo. Também Sousa et al. (2011) referem no seu estudo que o que as crianças mais gostam no recreio é brincar com os seus pares e livremente, longe do controle dos adultos. Relativamente às interações adulto/ criança no recreio escolar, os estudos efetuados enumeram que as interações dos adultos no recreio são, essencialmente, a mediação de conflitos (Wohlwend, 2004), a vigilância das ações das crianças quanto a situações de bullying, regras de conduta e de segurança e que esses não devem intervir nas brincadeiras ou jogos das crianças no sentido de as tornar em atividades estruturadas. O adulto no recreio deve saber observar o comportamento das crianças e assim garantir a sua segurança física e mental (Neto, 1997; Pereira, Neto & Smith, 1997; Pellegrini & Holmes, 2006).

#### **6.2.10 Considerações Finais**

As interações das crianças com os adultos no recreio escolar são pontuais e acontecem, essencialmente por motivos de segurança, proteção e moderação de conflitos. O adulto mais mencionado pelas crianças como parceiro de jogo foi o funcionário da escola, sendo o jogo mais realizado nessas interações no recreio escolar o jogo tradicional. A maioria das crianças que não fazem jogos com adultos no recreio escolar gostariam de o poder fazer por julgarem que Seria mais divertido. As crianças que consideram que não gostariam de fazer atividades com adultos no recreio afirmaram que Preferem brincar com os pares.

É necessário que os adultos que supervisionam os recreios consigam perceber a importância dos jogos e brincadeiras das crianças para que se possam sentir confortáveis e disponíveis quando alguma criança solicita a sua presença numa brincadeira ou uma sugestão para um jogo. Em nosso entender os adultos no recreio podem fazer muito mais do que vigiar os alunos ou chamá-los à atenção. Os adultos podem ser importantes agentes de brincadeira e de jogo para algumas crianças, na medida em que podem mediar as interações entre pares e ao mesmo tempo sugerir e ensinar jogos às crianças se estas o solicitarem, estas interações informais, sem pretender controlar ou estruturar as atividades de recreio podem ajudar a diminuir situações de bullying e isolamento na escola, mas também podem proporcionar aos alunos, o conhecimento de um diversificado leque de jogos e brincadeiras, o que poderá contribuir para o enriquecimento do seu repertório motor.

Através da realização deste estudo pudemos perceber, que o tema interações adulto-criança é um tema ainda pouco investigado, principalmente no contexto do recreio escolar e portanto, deixamos a

sugestão para que no futuro se realizem outros estudos neste âmbito onde se possam fazer intervenções nas escolas com adultos e crianças, explorando assim um pouco mais este tema.

### 6.2.11 Referências Bibliográficas

- Boyle, E., Marshall, N., & Robeson, W. (2003). Gender at Play. *American Behavioral Scientist*, 46(10), 1326-1345.
- Cabral, A. (1998). Jogos populares portugueses de jovens e adultos (Vol. 5). Lisboa: Editorial Notícias.
- Cameira Serra, M. (2004). Jogos tradicionais ao serão e na taberna. Lisboa: Edição colibri/ Escola Superior de Educação da Guarda. ISBN 972-772-482-5.
- Casey, T. (Ed.). (2010). *Inclusive play: practical strategies for children from birth to eight* (2ª ed.). London: Sage.
- Condessa, I. & Fialho, A. (2010). (Re) aprender a brincar na barca do pirata. Ponta Delgada: Universidade dos Açores. ISBN: 978-972-8612-68-9.
- Dias, G. & Mendes, R. (2006). Prática e ensino dos jogos tradicionais portugueses no 1.º ciclo do ensino básico: estudo no concelho de Coimbra. Atas do 7.º Congresso nacional de educação física. Maia.
- Evans, J. (1990). The Teacher Role in Playground Supervision. *Play and Culture*, 3, 219-234.
- Factor, J. (2001). Three myths about children's folklore. In J. C. Bishop & M. Curtis (eds) *Play today in the primary school playground* (pp. 24-36). Buckingham and Philadelphia: Open University Press.
- Fernandes, O. & Elali, G. (2008). Comportamento infantil no pátio escolar. *Paidéia* 18(39): 41-52.
- Muller, F. (2008). Socialização na escola: transições, aprendizagem e amizade na visão das crianças. *Educar* (32): 123-141. Curitiba: Editora UFPR.
- Neto, C. (1997). Tempo & espaço de jogo para a criança: rotinas e mudanças sociais. In C. Neto (Ed.), *Jogo e desenvolvimento da criança* (pp. 10-22). Lisboa: Edições FMH.
- Pellegrini, A., & Holmes, R. M. (2006). The role of recess in primary school. In D. Singer, R. Golinkoff & K. Hirsh-Pasek (Eds.) *Play= learning: How play motivates and enhances children's cognitive and social-emotional growth* (pp. 36-53). Nova Iorque: Oxford University Press.
- Pereira, B. (2008). Para uma escola sem violência. Estudo e prevenção das práticas agressivas entre crianças (2ªed.). In *Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT).
- Pereira, B. (2009). Juegos e juguetes en los recreos de las escuelas de Portugal. In J. C. López (Ed.), *La pedagogia del ocio: nuevos desafios*. Lugo: Editorial Axac. 33-42
- Pereira, B., Neto, C., & Smith, P. (1997). Os espaços de recreio ea prevenção do bullying na escola. *Jogo e Desenvolvimento da Criança*, Lisboa, Faculdade de Motricidade Humana, 238-257.
- Pereira, B.; Palma, M. & Nídio, A. (2009). Os jogos tradicionais Infantis: O papel do brinquedo na construção do jogo. In Isabel Condessa, (Re) aprender a brincar: da especificidade à diversidade (p.103-114). Nova Gráfica:Ponta Delgada.
- Riley, J., & Jones, R. (2007). When girls and boys play: what research tells us. *Childhood Education*, 84 (1).
- Rivera, M. (2009). The Powerful Effect of Play in a Child's Education. *Education Digest: Essential Readings Condensed for Quick Review*, 75(2), 50-52.
- Rossetti, C. & Souza, M. (2005). Preferência lúdica de uma amostra de crianças e adolescentes da cidade de Vitória. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7 (2): 87-114.
- Sequeira, A., & Pereira, B. (2004). Estudo descritivo das actividades de tempos livres no ATL: um estudo de caso. In *A questão social no novo milénio*, 262-277.
- Soares, N. (2006). A investigação participativa no grupo social da infância. *Currículo sem fronteiras*. 6 (1): 25-40.
- Sousa, R.; Pereira, B. & Lourenço, L. (2011). O bullying, locais e representações dos recreios. Estudo com crianças de uma escola básica de 5º e 6º anos. In A. Barbosa, L. Lourenço & B. Pereira (Orgs.), *Bullying. Conhecer & intervir* (pp. 33-49). Juiz de Fora, editora UFJF.
- Varregoso, I. (2000). Práticas lúdicas tradicionais infantis portuguesas: seu desaparecimento dos espaços de recreio escolar. *Revista Educação e Comunicação* (3), 58-69.
- Wohlwend, K. L. (2004). Chasing friendship acceptance, rejection, and recess play. *Childhood education*, 81(2), 77-82.
- Wurdig, R. (2010). Recreio: os sentidos do brincar do ponto de vista das crianças. *InterMeio: revista do Programa de Pós-Graduação em educação, Campo Grande*, 16 (32), 90-105.